

Crítica À Possibilidade de uma Estética Naturalista: Nietzsche e as Artes Visuais Contemporâneas

Projeto de pesquisa de pós-doutorado

Universidade de São Paulo

João Azevedo Abreu

1. Resumo

Nossa pesquisa explorará relações entre a estética do filósofo Friedrich Nietzsche (1844-1900) e as artes plásticas contemporâneas, em especial pintura, arquitetura e instalação. Será um estudo baseado na hipótese de que o entendimento de certos exemplares artísticos contemporâneos segundo as concepções de beleza e arte na obra desse autor alemão pode indicar possíveis limitações das recentes interpretações naturalistas de sua obra. A execução da pesquisa compreende dois passos principais.

O primeiro passo será determinar a medida na qual podemos falar de uma estética nietzschiana, sabendo que o próprio autor não emprega essa terminologia, e apontar, em particular, possibilidades de relação entre esta e o naturalismo alegado por alguns exegetas contemporâneos influentes. Para isso, levaremos em conta tanto possíveis compatibilidades quanto tensões entre, de um lado, aquelas interpretações baseadas no papel prioritário da arte na filosofia de Nietzsche e, de outro, aquelas leituras que enfatizam o naturalismo como princípio norteador em sua obra como um todo, em particular em sua peculiar relação com o pensamento do naturalista britânico Charles Darwin (1809-1882).

O segundo passo consistirá em discutir as possibilidades de aplicação da estética, tal qual estabelecida no modelo delineado no primeiro passo, às artes visuais contemporâneas, em particular a pintura e a instalação. Aqui, em nome da hipótese central, serão apontados aqueles aspectos em que a arte contemporânea, sob a estética nietzschiana, condiz ou não com a abordagem naturalista do obra do pensador alemão. Como resultado, nossa pesquisa fornecerá

novos elementos para uma compreensão crítica e prática da viabilidade, ou não, da interpretação de Nietzsche como autor naturalista.

Summary

My research will explore the relations between the aesthetics framework contained in the philosophical work of Friedrich Nietzsche (1844-1900) and contemporary visual arts, especially painting, architecture, and installation. This study will be based on the hypothesis that the understanding of a representative sample of contemporary art according to Nietzsche's conceptions of beauty and art can indicate potential limits for a naturalist approach to his work. There are two main steps in the execution of the research.

The first step is to determine the extent to which we can speak of a naturalistic aesthetics (on the understanding that Nietzsche himself does not literally mention it) with a view to bridging it and the naturalism advocated by some of his interpreters. We will take into account possible compatibilities as well as tensions between, on the one hand, those interpretations based on the key role of art in Nietzsche's philosophy and, on the other hand, those readings emphasizing naturalism as the guiding principle in his work as a whole, in particular in his relation with the thought of British naturalist Charles Darwin (1809-1882).

The second step is to discuss the possibilities of application of the theoretical framework of the naturalistic aesthetics, as established in the first step, to contemporary visual arts, in particular painting, performance and installation. As a result, this research might provide material for a critical and practical view of the viability, or lack thereof, of interpreting Nietzsche as a naturalistic thinker.

2. Introdução

2.1. Contexto e questões-chaves deste projeto de pesquisa

Entre os aspectos explorados de nossa pesquisa de doutorado sobre a noção de mortalidade humana em Nietzsche, está a oposição entre (a) aqueles autores que oferecem interpretações que enfatizam a centralidade da arte no pensamento nietzschiano e (b) outros que afiliam Nietzsche à tradição

naturalista. De modo geral, pode-se dizer que, quanto mais claramente um exegeta endossa a posição *a*, menor é seu apoio a *b*, e vice-versa. Pretendemos desenvolver uma leitura de Nietzsche que inclua discutir em que medida seria possível a compatibilidade entre *a* e *b*, sem descartar a hipótese de que ao menos um meio termo é plausível em relação à concepção nietzschiana de arte. Tal meio termo, a ser explorado na pesquisa proposta, é o que podemos denominar estética naturalista.

A análise da estética nietzschiana e sua possível compatibilidade com o naturalismo constitui meramente o primeiro passo desta pesquisa, que também tem como objetivo oferecer os fundamentos para um estudo da arte contemporânea. Em princípio, este projeto não se compromete, em seu ponto de partida, com a tese de que a estética nietzschiana em geral dê conta dos objetos artísticos contemporâneos, muito menos de que o naturalismo nietzschiano, tal como alegado por alguns de seus intérpretes recentes, sirva em particular a tal propósito. Também não se partirá com a ideia de que uma estética naturalista, mesmo que ela consiga cumprir positivamente esse papel que questionamos, seja necessariamente a única e/ou melhor forma teórica capaz de articular o entendimento nietzschiano das artes visuais contemporâneas. Em vez disso, será adotada a suposição, mais modesta, de que a estética naturalista nietzschiana pode ter sua viabilidade confirmada, negada ou, pelo menos, relativizada, a partir de sua confrontação com a obra de artistas contemporâneos. A verificação da medida dessa viabilidade, por sua vez, pode abrir espaço para uma abordagem clara e razoavelmente iluminadora das artes visuais, de modo a permitir um discurso igualmente acessível e objetivo, ainda que apenas dentro do mapa conceitual da filosofia nietzschiana.

A consideração da possibilidade de aplicar-se a estética naturalista em termos nietzschianos ao plano palpável das obras de arte aparece se justifica como o mais claro e razoável teste para a plausibilidade e viabilidade de tal estética e, possivelmente, para a definição que elementos que para relativizem ou mesmo apontem para a inviabilidade de uma interpretação naturalista da obra de Nietzsche.

Todavia, não se trata somente de aplicar a visão que Nietzsche tem das artes a exemplares das artes visuais visando uma melhor compreensão da obra do autor alemão. O projeto também objetiva, dependendo dos resultados que se configurem, delinear uma mútua iluminação entre a estética nietzschiana e a obra de artistas contemporâneos. Como exemplo das questões envolvidas em tal estudo de mão dupla, está o seguinte. É razoável supor que a conhecida distinção

nietzschiana entre o dionisíaco e o apolíneo, postulada por ele em sua leitura a arte grega clássica, não possuiria um equivalente perfeito na arte contemporânea. Todavia, este aparente descompasso entre Nietzsche e a estética contemporânea não deve ser interpretada como uma limitação do arcabouço teórico da filosofia nietzschiana, mas também não como sustentando a possível alegação de uma carência de profundidade ou sofisticação nos pressupostos teóricos, implícitos ou explícitos, da obra dos artistas contemporâneos. Ao contrário, a aparente disparidade pode ser tomada como representando uma oportunidade de observar, por um lado, os aspectos sob os quais pode-se dizer que os artistas contemporâneos estão trazendo à luz possibilidades não levadas em conta no aparato conceitual proposto por Nietzsche. Por outro lado, a disparidade pode permitir observar aqueles aspectos da estética nietzschiana que não são (mas poderiam talvez ser) incorporados nas artes contemporâneas. Em ambas essas direções, estaremos particularmente atentos aos aspectos em que o naturalismo desempenhar ou não um papel relevante.

Esta pesquisa terá entre seus pontos de partida uma distinção entre a filosofia *de Nietzsche* e o que se poderia chamar de uma filosofia *nietzschiana*. Na literatura especializada, pode-se encontrar uma distinção similar em relação a outros nomes centrais da tradição filosófica. Por exemplo, a literatura especializada em Kant opõe uma teoria moral de Kant à teoria moral kantiana, compreendendo que a primeira diz respeito ao pensamento ético do filósofo que viveu majoritariamente no século XVIII, enquanto que a última diz respeito a um conjunto de ideias que são baseadas naquele pensamento, sem necessariamente implicar no endosso de todos os aspectos do mesmo, mas, isto sim, adaptando-o conforme necessidades de contexto ou de outra natureza. Tomando essa oposição relativa a Kant como paralelo, pode-se dizer que uma filosofia nietzschiana pode ser compreendida em termos diferentes daqueles da filosofia de Nietzsche, no sentido de que esta última se refere mais aos aspectos das ideias de Nietzsche tais como elas se apresentam (explicitamente ou não) em seus textos, em sua biografia e no seu contexto histórico. A partir do momento em que se tenta articular, e mesmo aplicar, a melhor versão possível dessas ideias, sem necessariamente uma preocupação de fidedignidade em relação ao que seria a filosofia de Nietzsche, está sendo feita uma aproximação do que algo que possa justificadamente ser chamado de filosofia nietzschiana mas não de Nietzsche. Tal distinção conceitual implica, entre outras coisas, em que uma filosofia nietzschiana, longe de adotar liberdades que firmam princípios estabelecidos como sendo os de Nietzsche, ainda assim se permite adotar algumas adaptações e

aproximações de ordem racional que não corresponderiam *tout court* ao seguimento mais estrito das tensões, complexidades e mesmo possíveis contradições contidas na filosofia de Nietzsche.

Obedecendo a esta distinção, pode-se averiguar que uma estética nietzschiana não necessariamente coincide perfeitamente com a estética de Nietzsche. Em outras palavras, embora esta pesquisa tome como ponto de partida os fundamentos históricos, biográficos e exegéticos das ideias de Nietzsche sobre a arte, terá como meta estabelecer os princípios de uma estética nietzschiana, no sentido de que este trabalho se norteará principalmente em vista da formulação mais consistente e mais útil da visão artística contida na filosofia de Nietzsche, de modo a tornar possível o diálogo proposto com a arte contemporânea. Isto significa que a estética nietzschiana, entendida sob essa proposta metodológica, pode incluir algumas formas de adaptação e aproximações que não correspondem perfeitamente às formulações explícitas que por vezes comportam uma maior complexidade (e, por vezes, até mesmo contradição) na estética de Nietzsche.

O reconhecimento da necessidade prática do emprego de uma estética nietzschiana, tal como esta se distingue da estética de Nietzsche, para que o confronto com a arte contemporânea seja possível, será ponderadamente contrabalançado por constantes referências ao contexto textual das ideias discutidas. Essas referências e ponderações baseadas nas inconsistências da escrita de Nietzsche objetivarão garantir que não se perca de vista não somente a origem histórica, mas também o fundamento filosófico das ideias que estarão sendo submetidas ao exercício de avaliação da arte contemporânea.

A ênfase na estética nietzschiana, em contraste com a estética de Nietzsche, exige, entre outras coisas, alguns ajustes conceituais. A obrigatoriedade destes se torna mais clara quando se lembra que estamos aqui propondo aplicar às artes das últimas décadas a visão que Nietzsche elabora a partir de seu contato com as artes tais quais estas se apresentam na Europa até a segunda metade do século XIX. Em outras palavras, estamos efetuando uma transposição de contexto tanto em tempo quanto em espaço. Naquele livro em que Nietzsche mais extensa e explicitamente se ocupa da estética, *O Nascimento da Tragédia* (1872), o impulso apolíneo é postulado, entre outras coisas, como associado às artes visuais, enquanto que o dionisíaco se alinha com a música. Ao longo da sua obra publicada em vida, Nietzsche aparece como um entusiasta de Dionísio. Tal entusiasmo condiz com a ênfase que Nietzsche coloca sobre a música como meio estético e cognitivo privilegiado. Assim, essa mera constatação de ordem geral parece tornar razoável a

suposição de que as artes visuais estejam, para Nietzsche, relegadas a uma posição inferior em relação à da música. Todavia, esta pesquisa empregará a noção, desenvolvida em nossa pesquisa de doutorado, de acordo com a qual a estética proposta por Nietzsche não se encontra baseada exclusivamente no impulso dionisíaco, mas, mais precisamente, em um *equilíbrio* entre o apolíneo e o dionisíaco.

2.2. *Por que privilegiarmos as artes visuais e não as artes performáticas?*

A ponderação acima (a de que, mais do que a dualidade de princípios estéticos ou a ênfase em um deles, o fundamental em Nietzsche é o equilíbrio entre eles) tem a função de contornar duas dificuldades, pelo menos. A primeira dificuldade diz respeito às limitações das artes visuais tais como Nietzsche as concebe. Levando em conta que o filósofo as entende como sendo intrinsecamente associadas ao impulso apolíneo (ou, mais rigorosamente, a uma preponderância do apolíneo), então seria necessário concluir que o seu projeto estético geral, enquanto concebido sobre a base de um equilíbrio entre o apolíneo e o dionisíaco, não encontraria sua melhor expressão nas artes visuais. As reflexões estéticas elaboradas por Nietzsche são voltadas principalmente para o caso específico da tragédia, ou seja, com o sofrimento e a dor tais como representados no palco e na literatura teatral.

Diante deste problema, é prudente levar em conta que o desenvolvimento das artes em geral e as artes visuais em particular desde aproximadamente 1900, ano da morte de Nietzsche, obscureceu as distinções entre artes visuais e artes dramáticas. O cinema, a arte performática, assim como certos tipos de instalação têm produzido obras que desafiam, quando não derrubam e inutilizam completamente, tais distinções, sob diversos aspectos. Essa transformação em linhas gerais de tais distinções (a serem discutidas detalhadamente nos artigos que resultarão desta pesquisa) fornece uma justificativa para a forma de ajuste aqui proposto e será apresentada como um aspecto necessário de quaisquer discussões sobre a relevância das ideias de Nietzsche para o entendimento da arte contemporânea. Em outras palavras, nas artes contemporâneas, o equilíbrio valorizado por Nietzsche poderia ser constatado não apenas nas artes performáticas mas também em algumas formas de artes visuais na medida em que estas últimas, na contemporaneidade, não se distinguem tão claramente das primeiras.

Outra dificuldade diz respeito à menor acessibilidade das artes performáticas em relação

às artes visuais, tais como essas duas categorias são tradicionalmente entendidas. Mais especificamente, poder-se-ia argumentar que as artes visuais se prestam mais ao compartilhamento objetivo da recepção do objeto artístico por parte do observador, seja ele o espectador em geral quanto, em particular, o pesquisador teórico-acadêmico. Enquanto a apreciação das artes cênicas sofre variações relativas ao contexto de cada apresentação isolada de um espetáculo¹, outras artes como a escultura e a pintura possuem uma forma de apresentação fixa, que ocasiona um menor grau de variações na sua fruição por parte do espectador. Um resultado dessa disparidade entre as duas formas artísticas é o de que uma análise acadêmica de uma obra de arte visual tem maiores chances de ser objetivamente compartilhada, verificada e corroborada ou rejeitada por outros sujeitos do que a análise de uma obra de arte dramática em sua multiplicidade de apresentações através do tempo.

A título de exemplo, podemos mencionar que, entre as formas de arte contemporâneas mais interessantes filosoficamente, e não apenas no contexto brasileiro, estão os parangolés de Hélio Oiticica (Favaretto 2000). Sua inclusão entre os objetos a serem analisadas nesta pesquisa objetiva permitir uma aproximação parcial com a arte dramática, à medida que essa obra brasileira explora uma participação direta daquele que em outras experiências artísticas aparece somente como espectador. Tal qual na descrição que Nietzsche faz da experiência dionisíaca da tragédia, em que o espectador toma parte do êxtase promovido pelos atores e pelo espetáculo, também no caso do parangolé há um envolvimento direto do espectador naquilo que o objeto oferece. Nossa pesquisa explorará as diferenças entre, de um lado, os parangolés e artes como a escultura e a pintura, sem que eles possam ser enquadrados, por outro lado, como outra forma de performance.

2.3. Amostra do estado presente da pesquisa e de parte da bibliografia mais relevante

Esta proposta de elaboração e posterior análise da possibilidade prática de aplicação de uma estética naturalista baseada em Nietzsche constitui uma contribuição para o entendimento crítico do naturalismo em Nietzsche, nos termos da discussão desenvolvida pela literatura especializada

¹ Esta caracterização não perde sua relevância para o argumento em questão mesmo quando se leva em conta que, hoje, o teatro pode ser filmado e pode ser assistido em incontáveis plataformas no espaço virtual. Cada gravação de uma mesma peça, por maior que seja sua qualidade técnica, ainda sempre será a gravação de uma única apresentação. Além disso, não pode ser tomada como substituta fidedigna da experiência do espectador que a assistiu a partir de uma poltrona na audiência do mesmo teatro.

recente. A título de amostragem, vamos discutir aqui meramente os comentários produzidos por acadêmicos de língua inglesa. Dentro deste subgrupo, a literatura especializada pode ser dividida em ao menos três grandes tendências.

A primeira tendência se orienta conforme os requisitos da assim chamada filosofia analítica, que, em suas origens em Gottlob Frege (1848-1925) e, sobretudo, no empirismo lógico do Círculo de Viena (1924-1936, aproximadamente), inclui um princípio de aproximação entre a filosofia e as ciências exatas e empíricas, desenvolvendo-se posteriormente como um campo de forte rigor, ainda que muitas vezes voltado para a discussão meramente linguística, especialmente nas universidades de língua inglesa, muitas vezes num movimento, muitas vezes explícito, de esvaziamento de conceitos filosóficos tradicionais. No caso de Nietzsche, acadêmicos de formação analítica vêm abordando sua obra com o objetivo de estabelecer a possível relevância do filósofo para a discussão contemporânea de questões metafísicas, meta-éticas e de filosofias da mente e da ação. Maudemarie Clark, em *Nietzsche on Truth and Philosophy* (1990), e John Richardson, em *Nietzsche's System* (1996), apresentam-se como representantes iniciais desta tendência. A maior contribuição analítica para a busca de uma interpretação naturalista de Nietzsche começa a desenvolver-se e tornar-se mais explícita quando os autores analíticos se voltam à compreensão da relação entre, de um lado, Nietzsche e, de outro, temas como a ciência, o darwinismo e a moralidade. O último destes temas é o foco das pesquisas do filósofo americano Brian Leiter (1963-), cujo trabalho tem sido reconhecido como uma fundamental contribuição para o estabelecimento do naturalismo como uma das perspectivas dominantes (ou, pelo menos mais influentes) na exegese da obra de Nietzsche. Com *Nietzsche and Morality* (2002; 2ª edição, 2014)), Leiter desencadeia uma vasta indústria de abordagens naturalistas da obra nietzschiana e permanece como obra de referência dessa linha de interpretação. Clark, cuja obra inicial (1990) serve como uma das fontes de inspiração para Leiter, vem a fornecer, mais recentemente, o desafio mais sólido às leituras naturalistas, a saber, seu estudo (2012) do livro *Para Além do Bem e do Mal*, de Nietzsche. Outros comentadores de orientação analítica, tais como Christopher Janaway e Ken Gemes, apontam para o que julgam ser limitações no conceito de ciência empregado por Leiter e seus seguidores. Dirk R. Johnson, em *Nietzsche's Anti-Darwinism* (2010), sugere que a visão correta da oposição de Nietzsche a Darwin, no fundo, derruba a interpretação naturalista oferecida por Leiter. Keith Ansell-Pearson, um comentador central dos aspectos políticos de Nietzsche, endossa esse aspecto da leitura feita por Johnson. Outras leituras da visão de Nietzsche

sobre a evolução se voltam para aos aspectos em que Nietzsche é explicitamente hostil a Darwin. Com a exceção de *Nietzsche's New Darwinism* (2004), em que John Richardson enfatiza as continuidades entre Nietzsche e Darwin, os comentadores de linhagem analítica exploram as maneiras pelas quais Nietzsche diverge de Darwin, embora, por vezes, reconhecendo os princípios de convergência entre estes. Por sua vez, essa atenção por parte dos autores de inclinação analítica especificamente para com a recepção do pensamento de Darwin na obra de Nietzsche se faz possível no contexto de um crescente interesse por Darwin dentro das filosofias da ciência e da mente nos meios intelectuais de língua inglesa. Exemplos desse interesse são *Darwin's Dangerous Idea* (1995), de Daniel Dennett, e *Darwin* (2006), de Tim Lewens.

A segunda tendência da literatura anglófona sobre Nietzsche consiste na busca de novos ângulos sob os quais se possa reler o legado de Nietzsche em termos daquilo que se conhece sob o rótulo de história intelectual. Trata-se de uma tendência exercitada por pesquisadores com treinamento intelectual tanto na história da filosofia quanto em outros campos dentro das chamadas ciências humanas. Um dos mais prolíficos tópicos dentro desta tendência é a relação entre Nietzsche e o seu contexto histórico, em especial com a ciência produzida em tal conjuntura e com as teorias evolucionistas em particular. O comentador lusitano João Constâncio (2010) representa esta tendência, em seu reconhecimento de que a presença da noção de desenvolvimento (*Entwicklung*) nos pensamentos filosófico e psicológicos do século XIX tem origem na influência de Hegel. Esta tendência também encontra baseamento em estudos propriamente históricos, tais como *The Descent of Darwin: The Popularization of Darwinism in Germany* (1981), de Alfred Kelly. Por sua vez, *Nietzsche, Biology and Metaphor* (2006), de Gregory Moore, e *Nietzsche's Naturalism* (2014), de Christian J. Emden, podem ser lidos como obras que combinam, por um lado, a metodologia histórica característica da segunda tendência e, por outro, a ambição filosófica da primeira. No seu exame do contexto histórico de Nietzsche, tais autores oferecem visões críticas que alvejam o naturalismo dominante da primeira tendência. Emden (2014) busca indicar as limitações que a leitura de Leiter (2002, 2014) apresenta em especial em relação ao entendimento dos debates sobre a ciência articulados no final do século XIX na Alemanha.

A terceira grande tendência pode ser resumida como uma abordagem científica de conceitos centrais do pensamento de Nietzsche, em especial em relação aos desenvolvimentos mais recentes das pesquisas empíricas, mas sem a preocupação de interpretá-las nem dentro do que se poderia chamar lógica interna da obra de Nietzsche, nem em sua relação com outros

aspectos e conceitos empregados pelo autor alemão. Esta tendência ainda não apresenta uma magnitude, alcance e influência comparáveis às das outras duas. Ela tem como exemplares os estudos sobre eterno retorno articulados pelo literato Friedrich Ulfers (Universidade de Nova York), pelo filósofo Helmut Heit (TU de Berlim) e o físico L. Bergström (Estocolmo). Nietzsche tem recebido atenção também da chamada filosofia experimental (liderada por Joshua Knobe, afiliado à Universidade Yale). Tais estudos demonstram a relevância científica de algumas das intuições e conceitos centrais da filosofia de Nietzsche, ainda que não se possa falar em confirmação empírica dos mesmos. Todavia, ainda está por ficar claro quais as implicações que tais demonstrações podem vir a acarretar para o entendimento da posição de Nietzsche em relação ao naturalismo em geral e ao evolucionismo em particular.

Uma vez que a compreensão das propostas de leitura naturalista de Nietzsche depende de uma compreensão das características da relação entre Nietzsche e Darwin, é razoável dizer que a elaboração de uma crítica dessa leitura naturalista a partir da abordagem das artes visuais contemporâneas com base em Nietzsche (seja em termos da filosofia de Nietzsche ou de uma filosofia nietzschiana, conforme discutidas acima) deverá necessariamente contemplar as considerações de Nietzsche sobre Darwin.

Assim, as contribuições potenciais da hipótese de trabalho desta pesquisa incluem o entendimento de como a recepção do pensamento evolucionário na obra de Nietzsche está relacionado às concepções estéticas do filósofo. Além disso, o trabalho baseado naquela hipótese poderá, por sua vez, oferecer material para avaliação da medida em que o entendimento das artes visuais contemporâneas em termos nietzschianos pode contribuir para a compreensão da postura de Nietzsche em relação ao pensamento evolucionário. Em outros termos, um estudo das artes visuais contemporâneas à luz dos termos nietzschianos, visando um entendimento crítico da interpretação naturalista de Nietzsche, poderá colocar e esclarecer questões a respeito da relação entre Nietzsche e Darwin.

2.4. Amostra de problema: a questão da arte no período intermediário da obra de Nietzsche

Como um mero exemplo dos diversos aspectos da estética de Nietzsche que nortearão a nossa proposta de formulação de uma crítica do naturalismo em sua obra, podemos apontar aqui para a necessidade de levar em conta que Nietzsche não apresenta uma visão uniforme sobre a arte ao

longo da sua obra publicada em vida.

Humano, Demasiado Humano (1878) é um texto que representa uma ruptura no desenvolvimento da filosofia de Nietzsche em ao menos um aspecto, a saber, a relevância da arte. Este texto apresenta não somente a arte como desprovida do papel proeminente que Nietzsche atribui a ela em sua obra inicial (particularmente em *O Nascimento da Tragédia*), mas oferece também um ataque à visão de acordo com a qual os artistas possuem uma “visão direta da natureza do mundo, como se fosse um buraco no manto da aparência” e “por meio desse milagroso olhar de um visionário, eles são capazes de comunicar algo concludente e decisivo sobre o homem e o mundo sem a labuta e o rigor exigidos pela ciência” (HH 1.164). Contra uma tal concepção ilusória, a posição de Nietzsche neste momento é o de que o único objetivo da arte é “cegar-nos e fazer-nos felizes” (HH 1.3). Além disso, a arte “coloca um véu sobre a realidade” e “torna a visão da vida suportável ao colocar sobre ela o véu do pensamento sem clareza”. (HH 1.151). Essa visão negativa da arte seria abandonada mais claramente ao menos a partir de *A Gaia Ciência* (1882/1887):

(...) [A] arte nos fornece olhos e mãos acima de toda boa consciência para que nos fiquemos *capazes* de nos transformarmos em um tal fenômeno... Como então poderíamos prescindir da arte...? (GS 107, ênfase presente no texto original.)

Em seguida, *Assim Falou Zarathustra* (1883/1885) não oferece exatamente uma discussão sobre a natureza da arte ou da beleza. Em vez disso, inclui observações sobre autoria (Z I, ‘Sobre Leitura e Escritura’) e uma breve crítica aos poetas (Z II, ‘Sobre os Poetas’). Ainda assim, é possível articular ao menos três argumentos a favor da ideia de que *Assim Falou Zarathustra* contenha elementos para uma reflexão mais sólida sobre a arte. Em primeiro lugar, *Assim Falou Zarathustra* desenvolve, de várias maneiras, posições tomadas em *A Gaia Ciência* (onde a arte é discutida amplamente), o que fica mais óbvio quando se lembra da quase completa repetição de uma seção inteira de *A Gaia Ciência* (342, ‘*Incipit tragoedia*’, p. 195) como abertura de *Assim Falou Zarathustra*. Em segundo lugar, a dimensão *estética* do *amor fati* é promovido pela presença central do eterno retorno² nesse livro. Finalmente, há ainda o próprio aspecto formal do texto de

² Ridley (2007: 108 -111) oferece um argumento detalhado a favor da faceta estética do eterno retorno e, assim fornece uma inusitadamente substancial discussão de *Assim Falou Zarathustra* dentro de um quadro abrangente do lugar da

Assim Falou Zarathustra, no qual a predominância dos aspectos *literários* nos permite dizer que o próprio livro foi planejado como uma obra literária, na qual a força artística não é menor do que a filosófica.

Após *Assim Falou Zarathustra*, Nietzsche retoma o estilo centrado em aforismos mais propriamente teóricos do que literários, assim como uma valorização explícita da arte. Dionísio reaparece mais cedo (PABM 295) do que o apolíneo (numa discussão sobre embriaguez em CI IX.10). Em *Crepúsculo dos Ídolos*, a arte contém a “compulsão” de “transformar [coisas] em algo perfeito” (CI IX.9). Além disso, Nietzsche escreve: “A arte é o maior estímulo à vida” (CI IX.24). A discussão sobre a arte não ocorre separadamente de outros tópicos nesses escritos da última fase de Nietzsche. Assim, a consideração do desenvolvimento geral das ideias do filósofo a respeito da arte precisa incluir um cuidado em relação às maneiras de como vincular, por exemplo, *Humano*, *Demasiado Humano* a outros livros, em particular àqueles que, como *O Nascimento da Tragédia* e *Assim Falou Zarathustra*, oferecem uma visão positiva da arte, o que nos impede de assumir muito apressadamente uma continuidade entre *Humano*, *Demasiado Humano* e *Assim Falou Zarathustra* em relação a quaisquer outros tópicos.

3. Metodologia

3.1. Aparato teórico e métodos de pesquisa

Em termos do aparato teórico a ser empregado, esta pesquisa objetivará contemplar igualmente as chamadas tradições continental e analítica, assim como sempre levará em conta os problemas inerentes à suposta distinção entre elas. Este embasamento duplo será adotado tanto no estabelecimento da relação entre estética e naturalismo no texto nietzschiano quanto no exercício de aplicação desta noção às artes contemporâneas. A história intelectual que informa as noções estéticas nietzschianas será considerada à medida que os aspectos históricos possam fornecer elucidação e refinamento a aspectos específicos da discussão (no exemplo mais óbvio, este

estética ao longo da obra de Nietzsche. Por sua vez, um comentador influente como Young (1992) não vai além de breves menções a *Assim Falou Zarathustra* no contexto de uma discussão sobre estética e eterno retorno.

princípio vale para a compreensão que Nietzsche possui do pensamento evolucionário nos meios intelectuais alemães).

O desenvolvimento desta pesquisa se baseará nas vastas oportunidades de contato em primeira mão com objetos artísticos oferecidas tanto em acervos permanentes quando em exposições temporárias na cidade de São Paulo e adjacências, não somente em museus e galerias, mas também em espaços públicos (murais, paredes de edifícios, viadutos) nos quais a arte se encontra ocasionalmente exposta. De acordo com o progresso das leituras e os resultantes escritos, uma seleção de peças será gradualmente definida, para ser analisada à luz das discussões articuladas até aquele dado momento.

Cada etapa da pesquisa será orientada para a elaboração de ao menos três artigos com potencial de submissão para periódicos de alto nível de excelência. O artigo número 1 será o mais conceitual e consistirá na discussão das questões envolvidas na formulação das relações entre estética e naturalismo em termos nietzschianos e em referência à literatura secundária sobre a abordagem naturalista do discurso de Nietzsche. Esse artigo 1 deverá alcançar uma forma publicável até o final do primeiro período de pesquisa (ou Fase 1), conforme o cronograma discriminado abaixo, mas, na condição de artigo mais fortemente ancorado na literatura já estabelecida, poderá continuar a ser estruturado e redigido em parte inicial do segundo período de pesquisa (a Fase 2). Ambos os artigos 2 e 3, que começarão a ser redigidos posteriormente, incorporarão questões e conclusões presentes no artigo 1, de modo que servirão como o contraponto mais prático para aquele artigo teórico inicial, à medida que discutirão aspectos do uso da estética naturalista nietzschiana à apreciação da arte. O artigo 2 será dedicado, em caráter parcialmente descritivo e demonstrativo, à aplicação precisa de noções da estética naturalista nietzschiana a alguns exemplares específicos da obra de arte contemporânea. Por sua vez, o artigo 3 abordará questões epistemológicas envolvidas naquela aplicação. Isto é, embora tanto o artigo 2 quanto o 3 estejam voltados aos aspectos da viabilidade e empregabilidade da estética naturalista nietzschiana, o artigo 2 deverá ser mais prático e orientado para resultados, enquanto que o artigo 3 contemplará as possíveis questões teóricas que somente se tornarão perceptíveis à medida que a mencionada aplicação tiver tido lugar, ainda que de modo apenas provisório.

A literatura secundária a ser considerada será ampla do que a mencionada neste projeto. Aos comentadores de língua inglesa, exemplificados na breve discussão nas páginas anteriores,

serão acrescentados outros, especialmente aqueles pertencentes às tradições alemã, francesa e brasileira.

Todo trabalho acadêmico em torno do pensamento de Nietzsche deve tornar explícita, já desde o início, a postura a ser adotada em relação ao *Nachlaß*, isto é, aqueles escritos hoje disponíveis, mas que, durante a vida de Nietzsche, não foram publicados. Nosso trabalho assumirá que a obra que o próprio Nietzsche viu publicados em sua vida requerem prioridade. Dessa forma, as seguintes regras serão adotadas, em princípio: *a)* Nenhuma questão teórica ou argumento será dado por resolvido se uma aparente solução for somente articulada nos escritos póstumos. *b)* Se houver uma discordância entre a obra publicada em vida e os escritos póstumos em relação a um determinado aspecto, a posição adotada na anterior será tomada como a posição de Nietzsche, ainda que os últimos sejam também mencionados e discutidos. *c)* Nenhum problema será tomado como prioritário nas discussões a serem desenvolvidas se tal problema encontrar-se exclusivamente colocado nas obras póstumas.

Se nossa candidatura for bem-sucedida, esta pesquisa contará com apoio exclusivo da Fundação de Amparo À Pesquisa do Estado de São Paulo.

3.2. Cronograma de execução do projeto

Contanto com flexibilidade para imprevistos e eventos ocasionais que levem a mudanças de datas, esta pesquisa terá como cronograma ideal o seguinte:

Fase 1 (fevereiro a setembro de 2023). Além de intensivo trabalho de leitura de fontes primárias e secundárias, este período incluirá visitas a museus e galerias de arte para circunscrição e definição das obras a serem contempladas na pesquisa. Também ocorrerá a elaboração do Artigo 1, com possibilidade de início de elaboração de ao menos um dos outros dois artigos.

Fase 2 (outubro de 2023 a maio de 2024). Ao menos parte das obras de arte a receberem foco explícito nas análises já terá sido definida neste ponto. Nesta fase, haverá a elaboração do Artigo número 2, com possibilidade de trabalho também sobre o terceiro artigo, em virtude das considerações metodológicas feitas acima.

Fase 3 (junho de 2024 a janeiro de 2025): Elaboração do Artigo número 3.

Em cada uma dessas três grandes fases, a pesquisa bibliográfica constituirá a atividade

central e será constante, assim como a participação em eventos públicos que possibilitem a apresentação de resultados parciais ou finais da pesquisa.

4. Justificativa

A leitura apressada de uma proposta de pesquisa pode gerar o mal-entendido segundo o qual qualquer estudo do naturalismo em Nietzsche suponha que o pesquisador, de partida, esteja alinhado às interpretações de Nietzsche como sendo um pensador primordialmente naturalista. Gostaríamos de enfatizar que tal não é o caso da presente pesquisa. Esta não está propondo apresentar evidências a favor da interpretação segundo a qual Nietzsche seja naturalista. Ao contrário, a motivação deste projeto está em justamente desenvolver uma crítica à leitura naturalista.

Este projeto também se justifica pelo nível de influência que Nietzsche já alcançou não apenas na filosofia acadêmica mas fora desta. Entendemos que a leitura naturalista de Nietzsche esvazia muito do seu impacto e mesmo sua relevância na cultura, ainda que tal esvaziamento não faça explicitamente parte dos objetivos desses leitores.

Também justificamos este projeto como sendo mais do que a exegese intelectual de um autor canônico. Aqui, ambicionamos fazer uso da aplicação, não apenas no sentido de mostrar sua relevância como instrumento interpretativo mas, sobretudo, mostrar que essa aplicação joga imprescindível luz ajuizadora sobre as interpretações mais adequadas.

Por fim, a relação Nietzsche e a estética contemporânea não tem recebido a mesma atenção que a relevância do filósofo para a ética. Mais que isso, estaremos efetuando um estudo pioneiro no uso da arte contemporânea como plataforma crítica para o entendimento mais rigoroso de sua obra.

5. Objetivos

5.1. Resultados teóricos esperados

A pesquisa almeja tanto (1) desenvolver uma mútua iluminação entre uma estética nietzschiana e as artes visuais contemporâneas, quanto explorar, com base nesse diálogo, (2) discutir em que medida o entendimento estético desses artefatos recentes problematiza (ou, por

outro lado, reforça) o entendimento da obra de Nietzsche como sendo predominantemente naturalista.

Além disso, esta pesquisa terá resultado na apresentação de uma compreensão de diversas obras de arte contemporânea de acordo com conceitos presentes na obra de Nietzsche.

Por fim, os estudos aqui propostos resultarão numa plausível articulação do vínculo entre as reflexões de Nietzsche sobre a arte e suas considerações sobre Darwin.

5.2. Divulgação acadêmico-científica

Realizaremos a apresentação e discussão de resultados parciais em diversos eventos acadêmicos, especialmente nos congressos da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (ANPOF) e nos diversos eventos oferecidos pelas diversas universidades estaduais e federais em (ou próximas a) São Paulo. Poderemos contar, em particular, com a oportunidade de submeter nosso trabalho para discussão como parte das atividades do Grupo de Estudos Nietzsche, na Universidade de São Paulo.

A principal realização será constituída pela publicação de pelo menos dois (mas idealmente três) artigos substanciais, conforme discussão nos itens acima.

6. Bibliografia

6.1. Fontes primárias

- Nietzsche, Friedrich. *Sämtliche Werke. Kritische Studienausgabe*, Organizado por Giorgio Colli eazzino Montinari, 15 vol. Munique, Berlim/Nova York: Deutscher Taschenbuch Verlag e Walter de Gruyter, 1988.
- Nietzsche, Friedrich. *Digitale Kritische Gesamtausgabe Werke und Briefe*, Nietzsche Source, disponível em <http://www.nietzschesource.org/#eKGWB>

6.2. Fontes secundárias

- Ansell-Pearson, Keith. 1997. *Viroid Life – Perspectives on Nietzsche and the Transhuman Condition*. Londres & Nova York: Routledge.
- Ansell-Pearson, Keith, ed. 2006. *A Companion to Nietzsche*. West Sussex: Blackwell.
- Beardsley, M.C. 1958. *Aesthetics*, Indianápolis: Hackett.
- Bell, C. 1958. *Art*, Nova York: Capricorn Books.
- Bergström, Lars. 2013. 'Death and Eternal Recurrence' in *The Oxford Handbook of Death*, organizado por Ben Bradley *et al.*
- Bishop, Paul, org. 2004. *Nietzsche and Antiquity. His Reaction and Response to the Classical Tradition. Studies in German Literature, Linguistics, and Culture*. Woodbridge (Suffolk)/Rochester (Nova York): Camden House.
- Bradley, Ben *et al.*, org. 2013. *The Oxford Handbook of Philosophy of Death*. Nova York: Oxford University Press.
- Came, Daniel, org. 2014. *Nietzsche on Art & Life*. Oxford/Nova York: Oxford University Press.
- Carroll, N. 2001. *Beyond Aesthetics*, Cambridge: Cambridge University Press.
- Clark, Maudemarie 1990. *Nietzsche on Truth and Philosophy*. Nova York: Cambridge University Press.
- Clausen, Barbara, 2007. *After the Act. Die (Re)Präsentation der Performancekunst*. Publikation des Museums Moderner Kunst, Stiftung Ludwig Wien.
- Constâncio, João. 2010. 'Darwin, Nietzsche and the consequences of Darwinism.' *Cadernos Nietzsche* 26.
- Daniels, Paul Raimond. 2013. *Nietzsche and The Birth of Tragedy*. Durham: Acumen.

- Danto, A.C. 1986. *The Philosophical Disenfranchisement of Art*, Nova York: Columbia University Press.
- Darwin, Charles [1859] 1964. *On the Origin of Species by Means of Natural Selection, or the Preservation of Favoured Races in the Struggle for Life*. Londres: John Murray. Reimpresso com fac-símile e introdução de Ernst Mayr, Cambridge, Mass.: Harvard University Press.
- Davies, D. 2004. *Art as Performance*, Oxford: Blackwell.
- Deleuze, Gilles. 1973. *Nietzsche et la Philosophie*. Paris: PUF.
- Dennett, Daniel. 1995. *Darwin's Dangerous Idea*. Londres: Penguin.
- Dewey, J. 1934. *Art and Experience*, Nova York: Putnam.
- Dickie, G. 1974. *Art and the Aesthetic: An Institutional Analysis*, Ithaca, NY: Cornell University Press.
- Duhamel, Roland & Oger, Erich. 1994. *Die Kunst der Sprache und die Sprache der Kunst, - Nietzsche in der Diskussion*. Würzburg: Königshausen.
- Dries, Manuel, org. 2008. *Nietzsche on Time and History*. Nova York / Berlim: Walter de Gruyter.
- Emden, Christian J. 2014. *Nietzsche's Naturalism – Philosophy and the Life Sciences in the Nineteenth Century*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Favaretto, Celso. 2000. *A Invenção de Hélio Oiticica*. São Paulo: Edusp.
- Friedrich, Heinz, org. 1999. *Friedrich Nietzsche – Philosophie als Kunst*. Ein Hommage. Munique: Deutscher Taschenbuch Verlag.
- Gersting, Günter. 2013. *Nietzsches Kunst des Überschreitens: eine Provokation*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht.
- Giacoaia Jr, Oswaldo. 2013. *Nietzsche – O Humano como Memória e como Promessa*. Petrópolis: Vozes.
- Goldman, A.H. 1995. *Aesthetic Value*, Boulder, CO: Westview.
- Greenberg, C., 1986. *The Collected Essays and Criticism*, Chicago: University of Chicago Press.
- Gutjahr, Marco & Stoellger, Phillip, org. 2011. *Unsichtbar. Wissenskulturen als Bildkulturen*, Bielfeld.
- Haeckel, Ernst. 1866. *Generelle Morphologie des Organismen*. 2 vols. Berlim: Reimer.
- Habermas, Jürgen. 1988. *Der philosophische Diskurs der Moderne: Zwölf Vorlesungen*. Berlim: Suhrkamp.
- Hartmann, Eduard von. 1975. *Wahrheit und Irrthum im Darwinismus. Eine kritische Darstellung der organischen Entwicklungstheorie*. Berlim: Duncker.
- Iseminger, G. 2004. *The Aesthetic Function of Art*, Ithaca, N.Y.: Cornell University Press.
- Johnson, Dirk R. 2010. *Nietzsche's Anti-Darwinism*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Janaway, Christopher. 2007. *Beyond Selflessness – Reading Nietzsche's Genealogy*. Oxford: Oxford University Press.
- Janz, Curt Paul. 1979. *Friedrich Nietzsche. Biographie*. 3 vol. Munique, Viena: Hanser.
- Kieran, M. 2005. *Revealing Art*, Londres: Routledge.
- Kivy, P. 1973. *Speaking of Art*, Haia: Martinus Nijhoff.

- Kroenke, Meike & Spielmann, Yvonne, org. 2007. *Raum und Identität im kulturellen Wandel*. Bielefeld, 2007
- Lange, Friedrich. 1866: *Geschichte des Materialismus und Kritik seiner Bedeutung in der Gegenwart*. Iserlohn 1866, Leipzig 1873/75. Frankfurt am Main 1974.
- Lehmann, Annette Jael. 1999. *Im Zeichen der Shoah. Aspekte der Dichtungs- und Sprachkrise bei Rose Ausländer und Nelly Sachs*, Tübingen.
- Lehmann, Annette Jael. 2008. *Kunst und Neue Medien. Ästhetische Paradigmen seit den 1960er Jahren*, Tübingen: UTB/Francke.
- Lehmann, Annette Jael. 2009. *Exposures. Visual Culture, Discourse and Performance in Nineteenth-Century America*, Tübingen.
- Leiter, Brian. 2002. *Nietzsche on Morality*. 2nd edition: 2014. Londres: Routledge.
- Levinson, J. 2006. *Contemplating Art: Essays in Aesthetics*, Oxford: Oxford University Press.
- Lewens, Tim. 2006. *Darwin*. Londres: Routledge.
- Marton, Scarlett. 1990. *Nietzsche – Das Forças Cósmicas aos Valores Humanos*. São Paulo: Brasiliense
- Meyer, Theo. 1991. *Nietzsche. Kunstauffassung und Lebensbegriff*. Tübingen: A. Francke.
- Moore, Gregory. 2006. *Nietzsche, Biology and Metaphor*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Mothersill, M. 1984. *Beauty Restored*, Oxford: Oxford Clarendon Press.
- Mueller, Enrico. 2005. *Die Griechen in Denken Nietzsches*. Berlin/Nova York: deGruyter.
- Nehamas, Alexander. 1985. *Nietzsche – Life as Literature*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Nestle, Wilhelm. 1975. *Vom Mythos zum Logos*. Stuttgart: Frommann.
- Richardson, John. 1996. *Nietzsche's System*. Nova York: Oxford University Press.
- Richardson, John. 2004. *Nietzsche's New Darwinism*. Nova York: Oxford University Press.
- Richardson, John & Leiter, Brian, org. 2001. *Nietzsche*. Oxford: Oxford University Press.
- Richardson, John & Ken Gemes, org. 2013. *The Oxford Handbook of Nietzsche*. Oxford: Oxford University Press.
- Ridley, Aaron. 2007. *Routledge Philosophy Guidebook to Nietzsche on Art*. Londres e Nova York: Routledge.
- Silk, M.S. & Stern, J.P. 1981. *Nietzsche on Tragedy*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Solomon, Robert C. & Higgins, Kathleen M, org. 1988. *Reading Nietzsche*. Oxford/Nova York: Oxford University Press.
- Solomon, Robert C., org. 1973. *Nietzsche – A Collection of Critical Essays*. New York: Anchor Press/Doubleday.
- Stagmeier, Werner. 1987. 'Darwin, Darwinismus, Nietzsche: Zum Problem der Evolution.' *Nietzsche-Studien* 16, pp. 264-87.

- Stagmeier, Werner. 2005. 'Nietzsches Philosophie der Kunst und seine Kunst der Philosophie. Zur aktuellen Forschung und Forschungsmethodik (Sammelbesprechung),' *Nietzsche-Studien* 34, pp. 348-374.
- Stecker, R. 1997. *Artworks: Definition, Meaning, Value* University Park: Pennsylvania State University Press.
- Stolnitz, J. 1960, *Aesthetics and Philosophy of Art Criticism*, Nova York: Houghton Mifflin.
- Reinhild Steingroever, org. 2008. *After the Avantgarde: Engagements with Contemporary German and Austrian Experimental Film*, Camden House Press.
- Seubold, Günter. 1997. *Das Ende der Kunst und der Paradigmenwechsel in der Ästhetik*. Freiberg/Munich: Karl Alberg.
- Strong, Tracy. 1988. *Friedrich Nietzsche and the Politics of Transfiguration* – Expanded Edition. Berkeley: University of California Press.
- Von Reibnitz, Barbara. 1992. *Ein Kommentar zu Friedrich Nietzsche "Die Geburt der Tragödie aus dem Geiste der Musik" (Kapitel 1-12)*. Stuttgart/Weimar: J.B. Metzler.
- Young, Julian. 1992. *Nietzsche's Philosophy of Art*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Zangwill, N. 2001. *The Metaphysics of Beauty*, Ithaca, NY: Cornell University Press.
- Zangwill, N. 2007. *Aesthetic Creation*, Oxford: Oxford University Press.